

Brasiliense não prestigia centros culturais

Acervo espalha-se por uma dezena de museus, mas desperta pouco interesse na comunidade

ELIANE DE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Junção das culturas de todas as regiões do País, Brasília abrange uma diversidade sem igual de atrações em seus principais pontos de visitação. Algumas dizem respeito à história da cidade, outras vieram de fora. Há, ainda, aquelas que, em decorrência do constante processo de transformação, evolução e ineficácia urbanística, vão, aos poucos, sendo introduzidas.

De olho no turismo e na perspectiva de mostrar ao brasiliense, que aqui, como em outros estados, também há centros culturais de grande importância, as autoridades do setor estão preocupadas com a divulgação desses pontos. Os museus da cidade, que poucos conhecem, são um exemplo disso. Em Brasília, há mais de uma dezena deles e a maior dificuldade de seus responsáveis é justamente divulgar sua especificidade — de maneira geral — ou a variedade de conhecimentos neles contida.

POUCA PROCURA

Apesar de reunir peças valiosas pela sua importância histórica, seu valor econômico ou, no mínimo, pela curiosidade que transmitem, esse problema está presente, de forma significativa, em vários museus, dentre os quais o da Imprensa e o da Sucam. Segundo a museóloga responsável pelo primeiro, Nevita Diniz, a falta de divulgação e de exposições temporárias são os principais motivos da pouca visitação por parte do público. Para esse ano, está sendo elaborada uma extensa programação, abrangendo a Abolição de Escravatura e os 180 anos de Imprensa, visando a estimular o crescimento do número de visitas.

Revelou que outra maneira de atrair o público, será entrar em contato com as escolas da rede oficial e incentivar a promoção de exposições específicas temporárias. “A finalidade da instituição é informar e educar. O que se pretende, é abrir espaço para as crianças, para que elas possam, inclusive, fazer no museu trabalhos escolares”.

Lúcia Câmara, que responde pelo Museu da Sucam, lembrou a falta de recursos das escolas públicas até mesmo para alugar um ônibus. “Temos mais facilidade em receber os alunos da rede particular”. O espaço físico do museu, embora pequeno, chega a ter a média diária de dez pessoas. “A cada dia, no entanto, esse número vem diminuindo”.

ESCOLAS

Luiz Henrique Rizzo, museólogo do mostruário dos Correios e Telégrafos, revelou que a instituição está mais voltada para o setor educativo, “Realizamos, periodicamente, visitas às escolas, com palestras e projeções de slides”. O Memorial JK, que junto ao Catetinho e Museu Histórico de Brasília são os mais procurados, tem convênio com a Fundação Educacional e Colégios particulares.

Nesse ponto, quem diz que o fluxo turístico de Brasília pode ser medido pelo número de visitas ao Memorial JK está certo, principalmente depois que a cidade foi considerada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. Só no mês passado, a instituição recebeu 16 mil 900 visitantes, sendo a maioria turistas. Isto porque, segundo o pesquisador Manoel Martins, o brasiliense

DEFINIÇÃO

De acordo com o Conselho Internacional de Museus, este tipo de instituição deve ser permanente, conservando e apresentando coleções de objetos de caráter cultural ou científico, para fins de estudo, educação e satisfação. Fazem parte dessa definição as galerias permanentes de exposição, dependentes de bibliotecas ou de centros de documentação.

São considerados ainda, como museus, os monumentos históricos ou parte deles, assim como suas dependências e tesouros de igrejas, os locais históricos, arqueológicos e naturais, desde que estejam oficialmente abertos à visitação pública; os jardins botânicos e zoológicos, aquários e vivários, e outras instituições que apresentam espécies vivos; e, os parques naturais.

CATETINHO

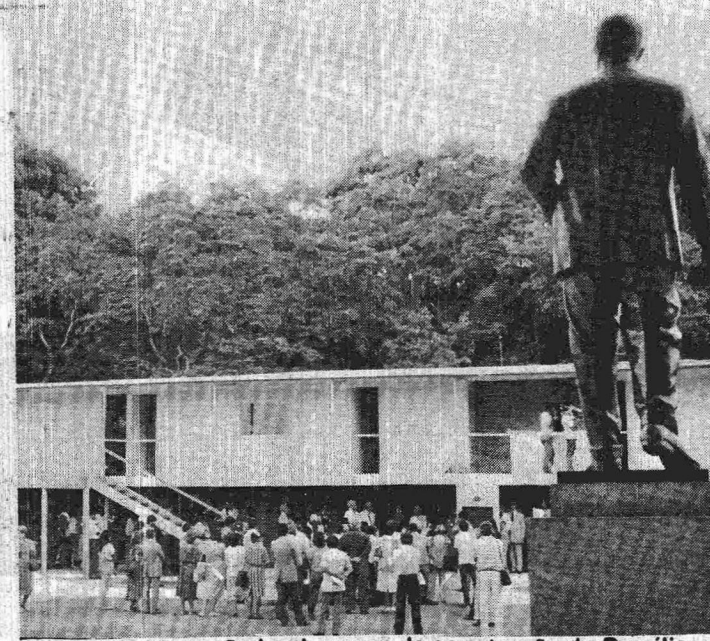
Trata-se da primeira construção de Brasília, executada em apenas dez dias, de 22 a 31 de outubro de 1956, sendo a residência oficial provisória do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Situa-se próximo à Rodoviária BR — 040 (Sajda Sul) e funciona diariamente das 8h às 17h. É administrado pelo Departamento de Turismo (Detur).

O Catetinho guarda móveis, quadros e objetos originais, ali colocados na época de JK. A sala de reuniões conserva o primeiro telefone lá instalado, e fotos das primeiras obras de

Brasília, com a presença de Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão e Israel Pinheiro. Sua finalidade é conservar e divulgar o acervo e o início da história de Brasília.

Recebeu essa denominação em homenagem ao Palácio do Catete, do Rio de Janeiro. Sustenta-se por grossas colunas de madeira e é constituído, em sua parte superior, por seis quartos, cinco banheiros, uma sala de despachos e um barzinho. Na parte inferior há cozinha, depósito, churrasqueira e sala de refeições ao ar livre.

EUGENIO NOVAES



Catetinho expõe lembranças da construção de Brasília

BETH MUNHOZ



O Memorial JK possibilita uma aula sobre a vida do ex-presidente. E o ponto preferido dos turistas

MEMORIAL

Aberto diariamente das 8h às 18h, com ingresso a Cz\$ 50 e situado no Eixo Monumental, o Memorial JK foi projetado por Oscar Niemeyer e abrange uma área construída de 5 mil metros quadrados. Seu objetivo é passar aos visitantes a vida e a obra do ex-presidente Juscelino Kubitschek, como homem público e idealizador de Brasília.

No andar térreo, encontram-se a Administração, a Sala de Metas — com diversos painéis e a carta de despedida de JK ao povo brasileiro — e a Biblioteca particular de Juscelino, que possui mais de 3 mil volumes e a Sala de Pesquisa, rica em material de informação e apta a atender aos interesses na vida do ex-Presidente e na história da construção de Brasília.

Junto à Câmara mortuária, no primeiro andar, onde repousam os restos mortais do idealizador da nova capital, com painéis de Athos Bulcão e um vitral de Marianne Perretti, estão a Exposição Permanente, a Reserva Técnica e o Auditório, de 310 lugares. A primeira é composta por três painéis fotográficos, uma vitrine com a casaca utilizada por JK no dia da inauguração de Brasília, uma tela retratando o ex-presidente, de autoria, de Portinari, e vitrines abordando a sua vida familiar, intelectual e política.

A Exposição permanente mostra lembranças de JK quando criança e a origem de seus pais, provenientes da Checoslováquia; sua carteira no Seminário de Diamantina, onde nasceu; a adolescência; o diploma de médico; sua participação na Revolução de 32 — marco inicial da carreira política; várias viagens; a construção e inauguração de Brasília; e o exílio e a morte.

EBCT

O Museu Postal e Telegráfico da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT) está localizado no edifício Apolo, Setor Comercial Sul, num prédio composto de sete andares e dois subsolos. Funciona das terças às sextas-feiras, das 8h às 18h, com entrada franca. Guias especializadas estão à disposição dos visitantes, quando solicitados.

A visita começa pelo sexto andar, com “A Evolução dos Correios no Brasil”, onde se encontra o fac-símile da carta de Pero Vaz de Caminha, além de balanças, carimbos e caixas de coleta. Todo este material testemunha a atividade postal do País nos tempos de Colônia, Império e início da República.

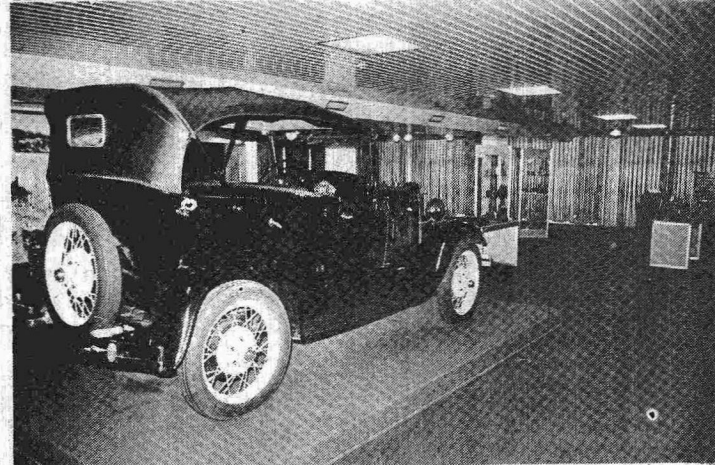
No quinto andar é mostrada uma visão geral da importância do telegrafo, da telefonia e da

radiotelegrafia na história das comunicações. No quarto, são abordadas as realizações do correio moderno no Brasil, a partir da fusão do serviço postal com o telegráfico, ocorrida em 1931.

A seguir vem o terceiro andar, dedicado à filatelia, com coleções nacionais e internacionais. A Biblioteca e Sala de Exposições Temporárias, focalizando temas postais e telegráficos, encontram-se no segundo andar.

Mostras periódicas com artistas convidados, após criteriosa seleção, são realizadas no primeiro subsolo, na ECT Galeria de Arte. No térreo, é apresentada ao público, na sala de audiovisual, um retrospecto da história postal, telegráfica e telefônica, desde os tempos do Brasil Colônia até os dias de hoje.

BETH MUNHOZ



Na EBCT, pode-se conhecer o carro que foi de Rondon

CAIXA ECONÔMICA

Situado no Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Setor Bancário Sul, é aberto das terças às sextas-feiras, das 9h às 21 h, e aos sábados e feriados das 9h às 18 h. Nele estão expostas cerca de 10 mil peças, entre cores, relógios, máquinas de extração de loterias, cédulas, livros, documentos, bilhetes lotéricos, cadernetas de escravos, móveis de estilo e uma reconstituição fiel de uma agência dos anos 30.

O Museu da CEF foi inaugurado em agosto de 1980, integrando o Conjunto Cultural do órgão, e tem como finalidade preservar sua memória. Seu acervo é formado por doações de empregados e clientes, além do material coletado em agências filiais da Caixa Econômica em diversos estados.

Há ainda, no Conjunto Cultural da CEF, uma biblioteca localizada no terceiro andar, com mais de 17 mil volumes de diversas áreas; uma pinacoteca, no primeiro andar, onde estão expostas obras de seu acervo; um auditório, no térreo, com capacidade para 304 pessoas; palco em estilo italiano, de uso polivalente (teatro, música, dança, cinema, conferências entre outros); cabines de tradução simultânea, em até quatro idiomas; e, uma reserva técnica, para a guarda do material não exposto.

PANTEÃO

Localiza-se na Praça dos Três Poderes e o horário de visitas é das 9h às 17h das terças às sextas-feiras, e das 11h às 17h aos sábados, domingos e feriados. O monumento foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e é inspirado nos ideais de liberdade e democracia de Tancredo Neves.

A estrutura completa do Panteão é de 2 mil 105 metros quadrados. Possui duas paredes laterais com inclinações arrojadas — a da direita com 45 graus e a da esquerda com 38, sendo totalmente revestido em mármore branco. Os visitantes atingem o local pela passarela de concreto. A seguir, vem o Salão

Vermelho, fartamente iluminado e com mural do artista plástico Athos Bulcão. A seguir, vem o Salão Principal, que consiste num ambiente sóbrio, com um grande mural da Independência, pintado por João Câmara, e um vitral colorido de Marianne Perretti.

No centro, há um foco de luz natural, vazado pelo teto, que desce sobre o livro de aço onde estão gravados os nomes dos que combateram e morreram pela soberania da Pátria. O Panteão foi edificado e doado pela Fundação Bradesco, por iniciativa do governador José Aparecido.

HISTÓRICO

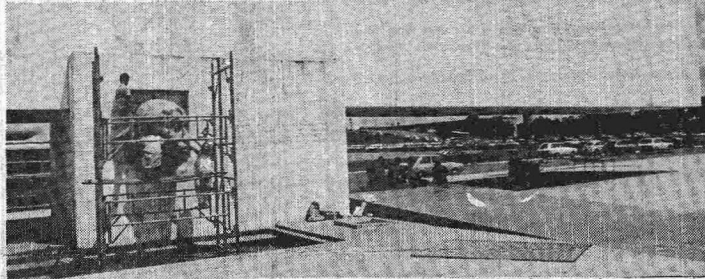
Também de autoria de Niemeyer, o museu localiza-se na Praça dos Três Poderes e funciona de terça a domingo, das 9h às 18h30. Compreende um salão de cinco por 35 metros e em suas paredes, externas e internas, está gravada a história da transferência da capital do País para o Planalto Central, desde a época da Inconfidência Mineira até a data da inauguração de Brasília.

Inaugurado em 21 de abril de 1960, por Juscelino Kubitschek, visa a preservar os trabalhos referentes à construção da cidade (painéis, fotos, desenhos, maquetes, manuscritos, curso para o Plano Piloto). O

material informativo é gravado em 16 painéis e a instituição é subordinada à Fundação Cultural do DF.

O monumento é constituído por uma edificação de concreto armado, revestido em mármore, formado por um bloco longitudinal, que se apóia fora do eixo como um cubo. No lado externo leste, a única presença de curvatura do conjunto é uma escultura da cabeça de JK, de autoria de J. Pedrosa, tendo ao lado as inscrições das palavras pronunciadas pelo presidente fundador de Brasília, no dia da inauguração. Abaixo, uma lâmina d'água protege a escultura.

BETH MUNHOZ



Museu Histórico apresenta a história da capital

ARTE MODERNA

O Museu de Arte de Brasília foi inaugurado em março de 85, em comemoração aos 25 anos da cidade, e pertence à Fundação Cultural, sem fins lucrativos. Objetiva oferecer um acervo diversificado, que retrate a panorâmica da produção de arte do País. Funciona, diariamente, das 10h às 17h, menos às segundas-feiras, e localiza-se no Setor de Hotéis de Turismo Norte.

Além da portaria e administração do MAB, encontram-se expostas, no andar térreo, esculturas e tapeçarias do acervo. Dispõem-se, no primeiro andar, pinturas, desenhos e gravuras.

e a Secretaria do museu. No subsolo funcionam o Centro de Documentação, o auditório, uma galeria destinada a exposições e uma sala para mostras temporárias de cunho temático, didático, retrospectivo e documentário.

Possui um representativo acervo que mostra certos aspectos da Arte Brasileira, dos anos 50 e 80, notadamente. Procura mostrar aos visitantes uma visão do que foi produzido com relação às artes plásticas em Brasília e conta também com uma série de gravuras, pinturas e desenhos de artistas brasileiros consagrados.

PLANALTINA

O museu está localizado na Praça Salviano Monteiro, número 24, no Setor Tradicional de Planaltina, e funciona todos os dias, das 8h às 12h e das 14h às 18h, estando subordinado à Administração Regional daquela cidade. Seu acervo constitui-se de mobiliário, utensílios de época, biblioteca, documentos e fotos, que registram a passagem das comissões designadas para demarcar o local, onde seria edificada a nova Capital do País.

Característica do final do século passado, sua construção foi feita pelo comerciante Afonso Coelho, com a finalidade de abrigar sua loja e familiares. Segundo a versão popular, esta casa foi hipotecada, logo no início do século, e posteriormente arrematada pelo Sr. “Franco”, proveniente do Rio de Janeiro. Dizem, ainda, que, ao inaugurar o estabelecimento, Afonso Coelho o fez junto à Festa do Divino — farta em doces caseiros.

IMPRENSA

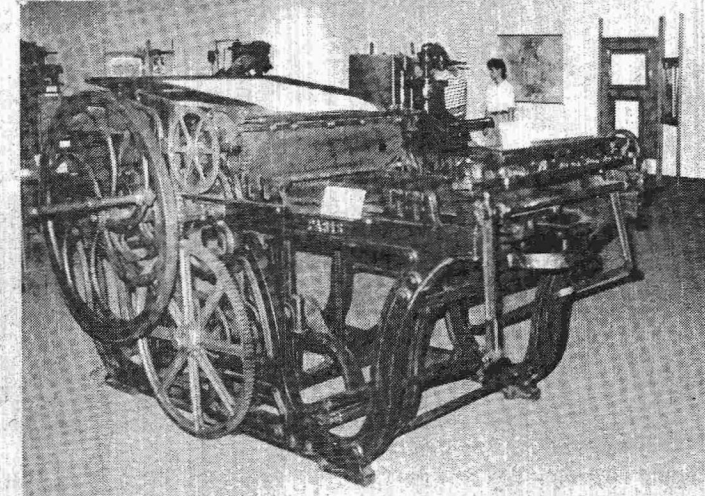
Localizado no Setor de Indústrias Gráficas, dedica-se à preservação de publicações oficiais, maquinaria e peças relevantes, para o estudo da imprensa no Brasil. Foi inaugurado em 13 de maio de 1982 — data em que se comemora o aniversário da Imprensa Régia — estando vinculado ao Departamento de Imprensa Nacional do Ministério da Justiça. Seu horário de funcionamento é de 8h às 17h, de segunda a sexta-feira, e de 14h às 17h aos sábados e domingos. A entrada é franca.

O Museu da Imprensa abriga um acervo que inclui, entre outras peças, um prelo de 1833 de fabricação inglesa, manuseado pelo escritor Machado de Assis, que também foi tipógrafo; uma caixa de madeira em forma de livro, em comemoração ao Cen-

tário da Independência; a matriz e reprodução do primeiro mapa da cidade do Rio de Janeiro; uma caldeira em cobre para derreter cola; e documentos de relevância histórica, como publicações nos diários oficiais da Proclamação da República e da Lei Áurea.

Além de vasta documentação e máquinas pesadas, com efeito visual estético, há, à disposição do visitante, um audiovisual de 18 minutos, contando a chegada da Imprensa Régia no Brasil até os dias de hoje. Esta foi introduzida no País por Dom João VI, através de decreto assinado em 13 de maio de 1808. “As peças falam por si. Até o teto do museu é em forma de pauta-de-ira”, disse a museóloga responsável, Nevita Diniz.

BETH MUNHOZ



A grande atração da imprensa é um prelo inglês de 1833

SUCAM

Fica no terceiro andar do anexo do Ministério da Saúde e atende basicamente, a estudantes, pesquisadores e pessoas ligadas às grandes endemias, sendo as principais a Malária, Doença de Chagas, Esquistossomose e Febre Amarela. Seu objetivo é fornecer dados e informações sobre a criação e evolução de ações e trabalhos executados pela Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM).

Possui cerca de 210 peças, que contam as técnicas usadas no combate às grandes endemias no Brasil. Em sua maioria, estas são procedentes das 26 regiões da SUCAM. Destacam-se um viscerômetro, criado em 1930, utilizado até os dias de hoje para colher fragmentos de fígado de cadáveres, com suspeita de febre amarela; um microscópio monocular (modelo usado por Pasteur) que, na década de 40, foi utilizado por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas em suas pesquisas.

O Museu da SUCAM conta com coleção de medicamentos antimaláricos e um histórico da evolução dessas drogas; algumas espécies de roedores empalhados, domésticos e silvestres; sala de curativos e câmara escura, retratada em 1943, inclusive com instrumentos para diagnóstico e tratamento; e quadro a óleo de Carlos Chagas.

O acervo possui, ainda, algumas raridades para a época atual, como uma calculadora Madas (1913), de fabricação suíça, usada para registrar dados estatísticos; e bombas de borrifação, de 1940, que, quando utilizadas, fornecem nítido perfil de evolução tecnológica no combate às grandes endemias.

ETNOGRÁFICO

Inaugurado em São Paulo, no ano de 1969, e instalado em Brasília em 72, o Museu Etnográfico tem, por fim, promover, de maneira geral, os estudos de Etnologia e Linguística no Brasil e, de modo especial, a cultura indígena. Faz parte da Anthropolos do Brasil, mantida pela Congregação do Verbo Divino e funciona na 609 Norte, das 8h às 18h, de segunda a sábado.

Dispõe de peças de 230 milhões de anos, da era paleozóica, resinas de árvores antiguíssimas, além de uma biblioteca com mais de 5 mil volumes, sobre a cultura do índio. Fazem parte do acervo, também, cerâmicas, armas, cocares e adornos.

Possui mais de 1 mil peças, que se dividem em três tipos distintos: arqueologia, cultura material e arte plumária. No primeiro, estão as raridades pré-históricas; no segundo, os objetos utilizados pelos silvícolas; e, no terceiro, a parte cultural propriamente dita.

BANCO CENTRAL

O Museu de Valores do Banco Central, fica, no edifício sede do órgão, no Setor Bancário Sul. A visitação é de terça a sexta-feira, das 10h às 17h30, e aos sábados, das 14h às 18h. Dispõe de monitores, cujos serviços podem ser solicitados com antecedência, pelos telefones 214-2098 e 214-2184.

Ocupa uma área de cerca de 1 mil 300 metros quadrados e se situa no primeiro subsolo do Banco Central. Em Brasília, sua sala de exposições foi inaugurada em setembro de 81, onde vem promovendo mostras com certa frequência. Esta subordinada ao Departamento do Meio Circulante do órgão.

Seu acervo conta, atualmente, com cerca de 110 mil peças, reunindo cédulas, moedas, barras de ouro, medalhas, valores impressos e tudo o que representa a memória do que circulou como riqueza. Após sua criação, o museu incorporou o acervo da Caixa de amortização, vindo, a seguir a englobar mais de 15 mil peças provenientes da Casa da Moeda.

Conta com exemplares e coleções completas de valores particulares e postais, medalhas e condecorações, curiosidades relacionadas à história do dinheiro e das modalidades de pagamento, desenhos originais de cédulas e moedas, discos monetários, cunhos, matrizes de cédulas, peças com marca d'água e filigrana e os principais padrões monetários em circulação no mundo.

